

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA – ESEF
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Pedro da Silva Silveira
Orientador: Vicente Molina Neto

CONCEPÇÕES DE ESCOLA ELABORADAS POR ESTUDANTES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA

Porto Alegre
2011

Pedro da Silva Silveira
Orientador: Vicente Molina Neto

CONCEPÇÕES DE ESCOLA ELABORADAS POR ESTUDANTES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA

Monografia apresentada como Trabalho de
Conclusão de Curso requisito parcial para obtenção
de titulação de Licenciado em Educação Física na
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Vicente Molina Neto

Porto Alegre

2011

AGRADECIMENTOS

A minha família que sempre me deu todas as condições para que eu fosse aprovado no vestibular e conseguisse fazer o curso nesses longos seis anos. Principalmente meu irmão, Tiago, que sempre foi o meu melhor amigo e minha irmã, Rejane, que sempre foi um grande exemplo. Também aos meus pais que valendo-se de exemplo, ensinaram aos três filhos com muito amor e carinho a importância dos estudos e da família.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa F3P-EFICE que foram importantíssimo no meu processo de formação, principalmente ao professor orientador Molina que me possibilitou a condição de bolsista, confiando em meu trabalho e ao Doutorando Giovanni que esteve presente em todos os momentos, os bons e os ruins, no desenvolvimento de minhas pesquisas.

A todos que fizeram parte nos meus seis anos no movimento estudantil, não conseguiria aqui citar nomes, pois certamente cometeria a injustiça de esquecer alguém. A minha experiência no movimento estudantil com certeza me fez ser outra pessoa e sou muito grato aqueles que passaram esses seis anos lutando ao meu lado.

A todos que fizeram parte da minha graduação, seja na militância, na sala de aula, nas viagens ou nas festas. Meu muito Obrigado.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender as concepções de escola que os estudantes do curso de licenciatura em educação física apreendem após a formação inicial na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Esta pesquisa é motivada pelas discussões acerca do currículo que a Escola de Educação Física (ESEF) vem realizando nos últimos anos. Nestas discussões, percebi que muito debatemos a presença do licenciado na escola, mas pouco sabemos do que os estudantes de educação física entendem por escola, isto é, quais as concepções que trazem ao entrar na universidade e quais concepções que levam desta ao final da etapa de formação inicial. O estudo conta, em um primeiro momento, com uma revisão bibliográfica acerca de concepção de escola, revisão esta que foi baseada em leituras críticas sobre a escola. Em um segundo momento, realizarei um trabalho de campo para levantamento de informações empíricas que dão conta de apontar respostas para o problema de investigação que sistematizamos na pergunta: qual a concepção de escola que estudantes formandos constroem após quatro anos de formação na ESEF? Este trabalho tem um cunho qualitativo predominantemente etnográfico, pois a coleta de informações se desenvolveu na forma de observação dos estudantes em disciplinas de Estágio Curricular e entrevistas semi-estruturadas. Com o objetivo de tentar entender as concepções de escola presentes no levantamento empírico, identificamos como a formação inicial influenciou nessa concepção. O processo analítico aponta que os licenciados ainda têm poucas disciplinas para debater escola dentro da ESEF. Assim, concluímos que a formação inicial destes professores não possibilita construir concepções de escola que avancem em relação ao senso comum ou à ideologia hegemônica.

Palavras chave: Educação Física; Escola; Formação Inicial, Estudo de Caso, Compreensão de Escola.

RESUMEN

El presente trabajo tiene el objetivo entender el diseño de escuela que los estudiantes del grado de licenciatura en educación física aprehenden después de su formación inicial en la Universidad Federal de rio Grande do Sul (UFRGS). La pesquisa es motivada por las discusiones acerca del currículo que la Escuela de Educación Física (ESEF) tiene realizando en los últimos años. En tales discusiones, pudo contatar que mucho discutimos la presencia del licenciado en la escuela, pero poco sabemos acerca del entendimiento de los estudiantes de educación física sobre la escuela, o sea, quales diseños traen cuando ingresan en la universidad y quales diseños que llevan desta al final de la etapa de formación inicial. El estudio presenta, en el primer momento, con una revisión bibliográfica acerca de diseños de escuela, revisión esta que fue basada en lecturas críticas sobre la escuela. En el segundo momento, realicé un trabajo de campo para recompilación de informaciones empíricas que le dan cuenta de mostrar respuestas al problema de investigación que sistematizamos el la pregunta: cual diseño de escuela que estudiantes graduados llevan después de cuatro años de formación en ESEF? El presente trabajo tiene caracter cualitativo predominantemente etnográfico, pués la recompilación de informaciones fue desenvolvida en la observación de los estudiantes en signaturas de experiencia curricular y entrevistas semiestructuradas. Con el objetivo de ententar entender los diseños de escuela presentes en la recompilación empírica, identificamos como la formación inicial influenció en tal disenõ. Las entrevistas que realizamos mestran que aún existe mucha incertitumbre acerca de la separación de los grados y que los estudiantes del grado de formación de profesores aún tienen pocas signaturas para discutir escuela en la ESEF. Así, concluyemos que la formación inicial de estos profesores no presenta diseños de escuela que avancen acerca del sentido común o a la ideologia hegemónica.

Palabras llave: Educación física, Escuela, Formación Inicial, estudio de caso, comprensión de La escuela.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DAEFi	Diretório Acadêmico de Educação Física e Dança
ESEF-UFRGS	Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio grande do Sul
EXNEEF	Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física
FACED	Faculdade de Educação da UFRGS
F3P-EFICE	Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
MEEF	Movimento Estudantil de Educação Física
PNUD	Programa das Nações Unidas pelo Desenvolvimento

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tabela Colaboradores 25

SUMÁRIO

1. Considerações Introdutórias	09
2. O que é escola?	14
2.1 A função social da escola	17
3. Decisões Metodológicas	21
3.1 Caracterização do Estudo	21
3.2 Problema de Pesquisa	21
3.3 Objetivos	21
3.4 Procedimentos e instrumentos de coleta de informação	21
3.4.1 Revisão Bibliográfica	22
3.4.2 Observação	22
3.4.3 Entrevistas Semi-estruturadas	23
3.4.4 Seleção de Colaboradores	24
4. O que os estudantes de educação Física ESEF/UFRGS Compreendem por escola.	26
5. Conclusão	34
6. Referências	36
7. Apêndices	39
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	39
Roteiro da Entrevista	43
Entrevista Rafael	44
Entrevista André	49

1. Considerações Introdutórias

“[...] no fim das contas a burguesia não tem os meios nem vontade, de oferecer ao povo uma verdadeira educação” (Karl Marx. Texto Sobre Educação e Ensino, 1992, p.8).

Já fazem três anos que a comunidade acadêmica da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF-UFRGS), vem realizando discussões sobre questões referentes ao currículo e a formação de professores de educação física. Iniciadas ainda no final do ano de 2008, tiveram seu auge na metade do ano de 2009 com o lançamento nacional da campanha “A Educação Física é uma só: formação unificada já!”, pela Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física (ExNEEF). Os debates ocorriam através de diversas atividades realizadas na ESEF-UFRGS como palestras, grupos de discussões e semanas acadêmicas. O Diretório Acadêmico de Educação Física e Dança (DAEFi) inicia a campanha da ExNEEF, propondo que a ESEF-UFRGS reformule seu currículo, entendendo que a fragmentação entre licenciatura e bacharelado, não atende aos interesses dos estudantes. Para realizar essa campanha, além da confecção de materiais e espaços de agitação, o DAEFi cria um Grupo de Trabalho para debater, estudar e propor um currículo. Entendendo que os estudantes deveriam ser a vanguarda nesses debates, pois eles que tem o contato mais direto com o currículo assim como são os mais interessados nesse currículo. Esse Grupo de Trabalho, inicia a confecção de um documento que teve como objetivo resgatar historicamente a proposta de formação da ExNEEF, assim como resgatar a forma como se deu o processo de divisão do currículo da ESEF-UFRGS.

Este documento também tinha como objetivo apontar as linhas gerais de uma formação de qualidade, baseada na Licenciatura Ampliada. Após acompanhar estas atividades e de minha experiência de quatro anos no Movimento Estudantil de Educação Física (MEEF), Movimento que faço parte a mais de cinco anos (tendo participado de seis encontros nacionais, Goiânia 2006, João Pessoa 2007, Porto Alegre 2008, São Paulo 2009, Fortaleza 2010 e Santa Maria 2011, além de diversos encontros regionais e seminários) e que tem como uma das principais pautas as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), fui motivei-me a pensar e pesquisar sobre

o que os estudantes de educação física pensam sobre escola, pois entendo que estas discussões estão cada vez mais distantes dos estudantes.

Os estudantes entram na universidade, querendo se formar o quanto antes para ir para o mercado de trabalho. Sendo assim, o que interessa para a maioria é ter um currículo que os forme rápido e dê conta dos desafios que terão após se formar, não dispondo tempo para pensar e refletir sobre um currículo mais amplo que o forme na totalidade. Também essa pressa para se formar não permite o estudante a se engajar nesses debates, pois se ele quer apenas sair o quanto antes da universidade, não interessa para a grande maioria dos estudantes como serão os próximos currículos.

Em minhas observações preliminares percebi que boa parte dos estudantes de educação física têm um certo tipo de preconceito em relação à escola, oriundo principalmente da desvalorização do professor na sociedade e das condições cada vez mais precarizadas de trabalho nos espaços escolares.

Os professores são vistos socialmente como meros funcionários da escola, destituídos da liberdade de cátedra necessária para sua atuação como mediadores entre o conhecimento e as futuras gerações em formação e, por vezes, culpabilizados pelos problemas de seu local de trabalho (COSTA; NETO; SOUZA, 2009, p. 65).

A carreira docente acaba sendo o “plano B” ou o último plano de futuro profissional dos recém formados, muitos irão para escola somente enquanto necessidade, gerando professores insatisfeitos. Nesses seis anos de faculdade, tive a experiência de ver poucos estudantes que ingressaram na educação física com o intuito de dar aula em escolas do ensino fundamental. Um número significativo de estudantes advém de experiências no esporte, principalmente de alto-rendimento e entram na educação física para poder ter a licença de trabalhar nesse esporte, em muitos casos, não buscam a formação e sim ter o meio legal (diploma) para trabalhar na área que já se dedicam. Esse fato pode ser bem observado nas entrevistas realizadas, onde os dois estudantes que vêm de uma experiência do esporte futebol, afirmam que apesar de terem feito licenciatura seu objetivo é trabalhar com futebol, sendo que têm a escola como plano B.

No final do ano de 2009, ao observar a apresentação de um Trabalho de

Conclusão de Curso de um colega do Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte (F3P-EFICE), que tratava sobre os Estágios Curriculares e fazia relação com o currículo de formação inicial de professores a partir da voz discente, o colega Jonas Vasconcellos Daniel foi questionado por um dos professores da banca de avaliação sobre a epistemologia da escola. A partir desse questionamento comecei a refletir sobre o que os estudantes entendem por escola no curso de Formação Inicial em Educação Física. Como já mencionado, a ESEF-UFRGS impulsionada pelos estudantes organizados no DAEFi iniciou uma série de debates sobre currículo, onde muito deles permeiam o debate de licenciatura, mas o que os estudantes compreendem por escola? Foi esse o questionamento que me incentivou a realizar essa pesquisa.

A pesquisa que realizamos tem como questão central compreender **quais os conceitos, significados e sentidos que os estudantes têm de escola após sua formação inicial, estes elementos podem vir a constituir a concepção de escola dos estudantes.**

O curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS forma professores tanto para a área escolar quanto para a área não-escolar. Para dar conta de oferecer experiência aos estudantes de educação física, a licenciatura apresenta no currículo três estágios obrigatórios em escola: no Ensino Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Apesar disso, ao olhar a grade curricular percebe-se que são poucas as disciplinas realizadas na ESEF-UFRGS que referem-se especificamente ao ambiente escolar de ensino, por exemplo poderíamos citar: Educação física infantil e fundamental e Introdução à prática e estágio: Metodologia do ensino da Educação Física. Assim como os três estágios obrigatórios realizados pelos estudantes do currículo de licenciatura.

A maior parte da formação específica para escola que o graduando de Licenciatura tem em sua formação inicial provém da Faculdade de Educação (FACED), onde o graduando tem de fazer em torno de sete disciplinas obrigatórias, sendo elas: organização da escola básica; sociologia da educação I - a; história da educação: história da escolarização brasileira e processos pedagógicos; políticas da educação básica; filosofia da educação I; psicologia da educação – a; educação

contemporânea: currículo, didática, planejamento, ensino e identidade docente, e; psicologia da educação II.

Em um dos estudos realizados no grupo F3P-EFICE, Filippini (2010) sistematizou da seguinte forma o currículo de licenciatura da ESEF-UFRGS em relação à formação pedagógica para a escola:

No currículo da ESEF/UFRGS, são necessários 122 créditos obrigatórios para que o aluno possa se formar. Desses, somente 46 créditos referem-se a disciplinas que tratam da escola, de acordo com as suas súmulas. No entanto, 30 desses 46 créditos são referentes aos estágios de docência, ou seja, apenas 16 créditos, menos de 15% do currículo são disciplinas que visam discutir e trazer subsídios teóricos a respeito da organização do trabalho pedagógico na escola. Além disso, 12 desses créditos dizem respeito a disciplinas na FAGED que tratam de conhecimentos de todas as licenciaturas, apenas uma disciplina obrigatória no currículo de Licenciatura em EF da ESEF/UFRGS visa discutir a inserção do professor e a organização do trabalho pedagógico especificamente da EF na escola. (Filippini 2010, pg 51)

Como podemos observar, a maioria das disciplinas que tratam sobre escola, acontecem fora da ESEF-UFRGS e na FAGED as disciplinas são oferecidas para todas as licenciaturas da UFRGS, não permitindo que os estudantes de educação física desenvolvam as questões específicas da educação física dentro da escola e produza aprendizados significativos sobre este espaço de trabalho.

O estudante que opta pelo curso de Licenciatura tem por obrigação fazer os Estágios Curriculares, onde vislumbra a possibilidade de, após formado, trabalhar em escolas. Nestas disciplinas, pensa e discute em algum momento sobre escola, entendendo que a escola é uma construção social, e, portanto, seus significados são construídos individualmente e hegemonicamente por grupos sociais.

Nos capítulos seguintes irei apresentar, no capítulo dois, uma revisão bibliográfica, o ponto de partida, revisão essa do ponto de vista crítico da escola, que entende a escola como um fenômeno social inserido dentro de uma sociedade dividida em classes e sendo um fenômeno social dentro dessa divisão está em

disputa sob diferentes projetos históricos de sociedade e educação. Ponto de vista esse que defendo.

Saviani (1983) vai sistematizar as teorias da educação e assim definir para que serve a escola em dois grandes grupos. O grupo das teorias não-críticas, que veem a escola como grande culpada da marginalidade e das desigualdades, para esta perspectiva, a escola está inserida em uma sociedade harmoniosa, sendo assim, se existem problemas é porque a escola não está dando conta de supri-los. O segundo grande grupo seriam as teorias críticas que veem a escola como inserida em um sociedade essencialmente marcada pela divisão entre classes antagônicas, e que a marginalidade e as desigualdades são inerentes ao sistema pois a classe que detém mais força necessita da marginalidade e da desigualdade para perpetuar seu poder, sendo assim se utiliza da escola para isso.

Saviani (1983), ainda delimita que muitas visões críticas da escola e da educação não se propõem a pensar metodologias para esse enfrentamento de classe, apenas analisam que a escola é utilizada por uma classe sem propor métodos de superar ou combater essa utilização.

No capítulo três apresentarei as decisões metodológicas, como foi realizado o trabalho de campo, quem foram os colaboradores, como foram realizadas as entrevistas e com que base material realizo esse trabalho. No capítulo quatro, apresentarei as informações resultantes das entrevistas em uma discussão com a revisão bibliográfica, e no capítulo cinco será apresentado as conclusões desse trabalho.

Pretendo que os resultados dessa pesquisa possam ajudar as reformulações curriculares futuras, pois entendo que as pessoas ao aprenderem não são pessoas vazias, sem experiências, pelo contrário: são sujeitos que já possuem diversos conhecimentos que devem ser levados em consideração para que o processo de aprendizado tenha mais qualidade. A partir disso, ao saber o que os estudantes entendem por escola, será possível pensar melhor o que o currículo de licenciatura em educação física deve tratar acerca da escola para melhor dialogar com esses estudantes.

2. O que é escola?

Neste capítulo pretendo fazer uma reflexão sobre o que alguns autores escreveram sobre escola e sua função na sociedade capitalista sob uma perspectiva crítica. Optei por fazer uma revisão bibliográfica com autores críticos por dois motivos. O primeiro motivo é por entender que esses se encontram na contra-hegemonia, ou seja, apesar de todas as dificuldades, pesquisam e estudam não somente a superficialidade dos fenômenos, mas também estuda-os profundamente (PORTELLI, 1977). O segundo motivo é para poder ter contato com autores que não são apresentados na graduação e que só tive contato após iniciar este trabalho. Partindo conceito de hegemonia defendida por Gramsci (1978) como um processo que expressa a consciência e os valores organizados praticamente por significados específicos e dominantes. Gramsci define que hegemonia em poucas palavras é que a hegemonia de um grupo social equivale à cultura que esse grupo consegue generalizar para outros segmentos sociais.

O pensamento hegemônico existente em nossa sociedade sobre educação é o entendimento desta como *messiânica* (ROSSI, 1980), ou seja, que a educação escolarizada pode resolver os problemas da sociedade e dos indivíduos que encontram-se em condições objetivas de existência desfavoráveis.

A educação é também considerada instrumento de desenvolvimento econômico, de diminuição das diferenças econômicas entre indivíduos, de permeabilização das classes sociais dentro de cada sociedade e de estreitamento das distâncias entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos (ROSSI, 1980, p. 17).

Essa perspectiva hegemônica da educação como messiânica, atende os interesses da classe dominante da atualidade sob o domínio do capital, impondo sua cultura e sua ideologia para a escolarização da classe trabalhadora. Uma vez que admitamos que o modo de produção capitalista se estrutura em classes distintas, os interesses de classe entram em conflito a partir do momento em que se colocam em oposição antagônica nas formas de produzir e reproduzir a sua existência.

A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classes. Não fez senão substituir velhas classes, velhas condições de opressão, velhas formas de luta por outras novas. Entretanto, a nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classes. A sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado (MARX; ENGELS, 2009, p. 24).

Essas classes antagônicas não convivem em harmonia. A classe dominante para poder exercer seu papel de dominação sempre terá que explorar outra classe. Isso significa que é impossível existir uma conciliação de classes. Por se tratarem de duas classes antagônicas, sempre estarão em conflito, em luta uma contra a outra: os trabalhadores e proletários lutando por melhores condições de existência, e a classe burguesa intensificando sua exploração para poder acumular mais.

A isso se denomina luta de classes, conforme Marx e Engels (2009) apontam no Manifesto do Partido Comunista:

A história¹ de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e oficial, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada, uma guerra que termino sempre, ou por uma transformação evolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das suas classes em luta (MARX; ENGELS, 2009, p. 23).

É importante entender que essa transmissão da ideologia dominante se dá de duas formas, chamadas por Gramsci de consenso e coerção. O consenso são as formas na qual a classe dominante impõe sua ideologia de forma não coercitiva, para isso ela se utiliza da igreja, da mídia, da escola e outras instituições da sociedade civil. Esgotadas as possibilidades dessa forma, a classe dominante se utiliza da forma coercitiva, que se trata das formas de imposição da cultura

¹ Na edição em inglês de 1888 Engels atualiza o conceito de história para história escrita.

dominante às outras culturas, utilizando-se do aparato político, jurídico, militar e repressivo.

Ainda é importante identificar que a ideologia dominante também é contraposta e reproduzida. Sua contraposição acontece pelas movimentações contra-hegemônicas. Se acima identificamos que a sociedade na qual vivemos se localiza na luta de classes, todos os fenômenos dentro dela estarão sujeitos a luta de classes também. Mesmo com todas as dificuldades, a classe dominada consegue realizar movimentos contra-hegemônicos.

Frigotto (2000), coloca que a escola do ponto de vista da classe burguesa serve não somente para reprodução de ideologias, mas como também uma educação adestradora, disciplinadora, que introduz nos sujeitos o *modus operandi* do mundo do trabalho. Por outro lado, ele defende que para a classe trabalhadora a escola serve como *locus* para a aquisição de conhecimento que são armas de luta contra a alienação, assim como a opressão e exploração.

A classe trabalhadora também reproduz a cultura e a ideologia da classe dominante, sem reflexão e de forma alienada. Essa reprodução pode ser chamada de senso-comum. A educação, segundo esse pensamento hegemônico, defende que as imperfeições da sociedade são fruto da ignorância ou dos baixos níveis de cultura da população e que para resolver isso basta melhorar a escola para as pessoas. Para defender essa ideia são utilizadas diversas estatísticas, como as que demonstram que nos países com menores índices de analfabetismo as condições de vida são melhores. Isso é comprovado ao analisarmos o índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos países. Um dos fatores que influenciam o IDH é a taxa de alfabetização, ou seja, quanto mais alfabetizado o país, mais desenvolvido ele é. A seguir, listo os 10 países mais desenvolvidos pelo Programa das Nações Unidas pelo Desenvolvimento (PNUD) referentes aos dados de 2010: 1º Noruega, 2º Austrália, 3º Nova Zelândia, 4º Estados Unidos, 5º Irlanda, 6º Liechtenstein, 7º Holanda, 8º Canadá, 9º Suécia, 10º Alemanha; e os 10 países menos desenvolvidos, países esses considerados de desenvolvimento humano muito alto. Também cito os 10 países com IDH mais baixos, são eles: 159º República Centro-Africana, 160º Mali, 161º Burkina Fasso, 162º Libéria, 163º Chade, 164º Guiné-Bissau, 165º Moçambique, 166º Burundi, 167º Níger, 168º República Democrática do Congo, 169º Zimbábue. Países esses considerados com o desenvolvimento

humano baixo. O Brasil se encontra em 73º considerado com o desenvolvimento humano alto (PNUD, 2010).

2.1. A função social da escola

A partir do entendimento da visão hegemônica que se tem da escola, de que ela seria a solução de todas as mazelas da sociedade, buscamos entender qual é a função da escola em uma sociedade de classes. Nessa perspectiva, concordo com Antonio Lettieri, que afirma que a escola tem uma funcionalidade social: “O capitalismo de hoje de fato não recusa o direito à escola; o que ele recusa é mudar a função social da escola” (Latteri *apud* Frigotto 1989 pg 133). Ou seja, não podemos dizer que a escola não serve para nada, a escola tem sua função de reproduzir o modo de produção hegemônico.

Para o sistema capitalista, ela é extremamente produtiva; sua produtividade se materializa de diversas formas e a principal delas é ser improdutiva para a formação humana. A desqualificação da escola, então, não pode ser vista apenas como resultante das "falhas" dos recursos financeiros ou humanos ou da incompetência, mas como uma decorrência do tipo de mediação que ela efetiva no interior do modo de produção capitalista e como esse modo de produção se relaciona com ela.

Do ponto de vista do capital, a escola quando não consegue qualificar seus alunos, serve para aumentar o exército de reserva de mão de obra desqualificada. Assim, a qualificação é vista como meio para que se tenham condições de ter uma melhor condição de trabalho, tal qual a teoria do capital humano preconiza. Ao disputar um emprego, quanto maior o grau de escolaridade, mais condições de conseguir um emprego essa pessoa vai ter, conforme a concepção decorrente desta teoria. Essa teoria cai por terra quando entendemos que o desemprego e o exército de reserva são estruturais para o sistema capitalista na atualidade. Não é a falta de qualificação que não permite conseguir empregos: os níveis de desemprego devem se manter sempre altos para que as empresas possam explorar ainda mais os trabalhadores, pois os mesmos vivem com o medo de perder seu emprego para alguém que se localiza nesse exército de reserva.

Paul Willis (1991) explicita que a escola não possibilita aos jovens de bairros operários outra realidade senão ir para a fábrica. Poucos questionam essa situação, uma vez que foram condicionados pela escola a entendê-la somente como um meio para chegar ao mercado de trabalho.

A escola cumpre sua função social ao “domesticar” os trabalhadores, ensinando-lhes a ser bons trabalhadores. Os meios de consenso da ideologia hegemônica ensinam os trabalhadores, diariamente, que o que falta para os mesmos é qualificação. Assim, quando os trabalhadores acham que é a falta de qualificação que não lhes permite ter melhores condições de trabalho ou até mesmo conseguir algum emprego, os mesmos se sujeitam a qualquer formação proposta pelo capital sem criticá-la e sujeitando-se as suas imperfeições. Entretanto, isso só se efetiva no discurso, pois, como vimos anteriormente, o desemprego é estrutural. A Teoria do Capital Humano, tem ponto principal o fato de os trabalhadores serem tratados como indivíduos em que se deve “investir” para que consigam melhor desenvolver suas tarefas nas fábricas e empresas.

Para Frigotto (1989), a desqualificação da escola, então, não pode ser vista apenas como resultante das "limitações" dos recursos financeiros ou da incompetência dos educadores, mas como uma consequência dos objetivos do capital para a escola.

Como vimos, a escola é extremamente produtiva para o capital, mas se encontra no terreno que conhecemos como luta de classes, ou seja, a escola assim como qualquer fenômeno da sociedade é passível de disputa pela classe dominada. Desse modo, não podemos tomar como inevitável que a função da escola seja “domesticar” os trabalhadores. Ela pode servir para formar e emancipar os trabalhadores, para que os trabalhadores entendam as contradições do sistema capitalista, consigam criticar sua composição e entender que podemos ter uma formação que desenvolva os seres humanos em todas as suas capacidades sob uma perspectiva omnilateral. Ou seja uma formação que não sirva somente para forjar trabalhadores.

A palavra “omnilateral” indica a busca de um processo de formação humana ou de humanização integral, entendido como totalidade, que não é apenas a soma da atuação em diferentes dimensões, mas sim a articulação que visa coerência na atuação do ser humano no

mundo. E, ainda que no formato da sociedade atual, a unilateralidade pareça cada vez mais o destino inevitável das gerações por ela educadas, nosso projeto de futuro nos impõe persistir em um trabalho educativo noutra direção (CALDART 2010, p. 66).

A escola pode contribuir para a contra-hegemonia e assim aglutinar forças para a construção de uma outra sociedade. Não obstante, é importante compreender que apesar da escola poder aglutinar forças para uma nova sociedade, ela não tem como se revolucionar completamente no atual sistema, que é controlado pela força social do capital. Como vimos, quando os meios de consenso são esgotados o capital se utiliza dos meios coercitivos; por conseguinte, para uma mudança completa da escola é necessária uma mudança completa da sociedade.

Madan Sarup (1978), afirma que a luta para democratizar e melhorar e educação é indissociável da luta para democratizar a vida econômica:

Eram os professores, que através de uma mudança em suas práticas na sala de aula, deveriam ser os motores da mudança educacional. Mas eles dificilmente poderiam fazer isso por si mesmos. Fundamentalmente. O que faltava era a compreensão de que a luta para libertar a educação e a luta para democratizar a vida econômica estão inseparavelmente ligadas. Havia uma necessidade de que professores e alunos, escolas e educação, fossem reconcebidos em relação a outros elementos do todo social, da totalidade (SARUP, 1978, p. 101).

O autor como vemos na citação, sugere de que os professores devem ter uma formação que permitam serem emancipatórios, ou seja que ajudem na formação omnilateral dos seus educandos.

Em estudo realizado por Filippini, Frizzo e Silveira (2010), demonstra-se a subsunção da formação profissional ao capital, sendo assim os professores que são formados, são formados através de uma formação que é balizada pelo mercado de trabalho e pelo capital, não tendo uma formação humana que os permita serem professores com fundamentação crítica: “entendemos que a formação humana dos professores de EF é subsumida pela formação profissional, na medida em que o

atendimento as necessidades do mercado de trabalho se tornam balizadores da formação dos professores de EF” (FILIPPINI; FRIZZO; SILVEIRA, 2010, p. 1).

No mesmo estudo, os autores são críticos e evidenciam a forma como a Universidade sustenta a formação profissional como um fundamento dos cursos de graduação em detrimento da formação humana que compreende outros aspectos da existência da humanidade e que não são contempladas somente pela formação para o mercado de trabalho. Na discussão de formação os autores afirmam que

[...] não é por acaso que temos acesso a uma pequena parcela do acúmulo histórico do conhecimento durante a nossa formação, não é por acaso que algumas correntes do pensamento filosófico e científico é negada dentro da Universidade, e, se foi a humanidade que produziu todo o conhecimento existente hoje, este conhecimento pertence à humanidade e não ao capital (FILIPPINI; FRIZZO; SILVEIRA, 2010, p.7).

Afirmando novamente que existem conhecimentos que são negados à formação no sistema capitalista, pois não seriam de interesse da classe dominante que as classes dominadas tivessem acesso a esses conhecimentos.

Esta revisão bibliográfica tem o objetivo de instrumentalizar o leitor e o autor desse trabalho de conclusão, para melhor poder realizar o trabalho de campo, tendo em vista que o trabalho visa analisar o que estudantes de educação física em licenciatura entendem de um de seus possíveis locais de trabalho futuramente.

3. Decisões metodológicas

3.1 Caracterização do estudo

Para entender o quê os estudantes de educação física da ESEF-UFRGS compreendem por escola e assim poder, através de minha pesquisa, contribuir para as discussões de currículo, pretendo construir um estudo de caso de cunho predominantemente etnográfico. Por entender que o estudo de caso “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente” (TRIVIÑOS, 1987, p. 133), esta opção é uma alternativa importante quando se quer contribuir para um processo específico de investigação, como é esta pesquisa que pretende avançar no processo de reestruturação curricular da ESEF-UFRGS.

Utilizando o estudo de caso, pretendo analisar as especificidades dos estudantes da ESEF-UFRGS, assim podendo de forma qualitativa relacionar esse fenômeno com todos os elementos que o cercam. A opção pela ESEF-UFRGS foi escolhida pela minha inserção nesta instituição a mais de seis anos e onde pude acompanhar os debates sobre currículo.

3.2 Problema da pesquisa

O problema da pesquisa resume-se em responder à seguinte questão: “Qual a concepção de escola que estudantes formandos constroem após quatro anos de formação na ESEF-UFRGS?”

3.3 Objetivos

O objetivo que pretendo atingir com esse estudo é:

Compreender as concepções de escola que os estudantes formandos levam para a sua vida profissional.

3.4 Procedimentos e instrumentos de coleta de informações

Para desenvolver este estudo, após a revisão bibliográfica, obtivemos as informações do trabalho de campo através da observação e de entrevistas semi-estruturadas, além da confecção de um diário de campo para o registro das informações da observação de campo.

A seguir faço uma breve descrição dos procedimentos e instrumentos a serem utilizados no decorrer da pesquisa.

3.4.1 Revisão Bibliográfica

Com a Revisão Bibliográfica pretendo ter um ponto inicial do que alguns autores entendem por escola, considerando que esta pesquisa é fundamentada em um ponto de vista crítico; logo, os autores para a revisão bibliográfica foram escolhidos desse mesmo ponto de vista.

3.4.2 Observação

Sendo a observação um importante instrumento na pesquisa qualitativa para conhecer um fenômeno e possibilitar um contato mais estreito com esse, utilizamos a observação como um dos procedimentos metodológicos.

Segundo Triviños (1987, p. 153) a observação não é somente o fato de olhar, mas “destacar de um conjunto algo especificamente”. Para o autor, a “observação de um fenômeno social significa, em primeiro lugar, que determinado evento social [...] tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações etc” (TRIVIÑOS, 1987, p. 153).

O registro foi o mais descritivo possível, sem juízo de valores, para que, dessa forma, se evitasse contaminar as informações coletadas, e podendo prejudicar a análise destas informações (NEGRINE, 1999).

A partir disso, observei 5 aulas da graduação do curso de Licenciatura em Educação Física, que foram escolhidas de acordo com os seguintes critérios:

- a) ter número mínimo de 3 estudantes;
- b) apresentar tema que envolva escola;

c) ser de sétimo ou oitavo semestre, com o intuito de poder acompanhar os estudantes que estão terminando a sua formação inicial.

Para documentar as informações obtidas nas observações, fiz uso de registro de observações em um diário de campo. Nesse diário de campo coloquei também minhas dúvidas, impressões e sentimentos, bem como notas que pudessem emergir com a progressão do trabalho, como sugere Molina Neto (1999).

Negrine (1999), destaca três requisitos para o registro das informações: atenção contínua e seletiva no problema de pesquisa; descrição dos fatos com objetividade, sem metáforas; e curiosidade frente aos aspectos pouco evidenciados.

As observações tiveram o intuito de identificar as concepções de escola que circulam nas disciplinas de graduação da educação física.

As observações foram feitas durante meu estágio de ensino médio no colégio aplicação. Foram em torno de 5 aulas que tivemos para trocar ideias em grupo sobre como estavam indo as aulas, foi aí que pude perceber no discurso de meus colegas o que entendiam por escola e as dificuldades que estavam passando. Essas aulas, ou reuniões como chamávamos, eram registradas em um caderno de campo. Nessas observações, de imediato pude analisar que a realidade é muito diferente do que teoria, ou seja, quando estamos em sala de aula com os alunos, nem tudo ocorre como o previsto. Isso acabava gerando muitos debates de qual era nosso objetivo nessas aulas, desenvolver que aspectos nas crianças de que forma.

No discurso de meus colegas conseguia ver que a vontade ia além do que desenvolver os aspectos motores dos alunos, o que seria básico para o curso de educação física, no discurso percebi que os colegas tinham a vontade de ensinar valores para as crianças, como respeitar os colegas, respeitar os professores, saber aproveitar a aula etc. Em nenhum momento tivemos um discurso de um ponto de vista crítico da escola e qual o nosso papel nela.

3.4.3 Entrevistas semi-estruturadas

A entrevista é um dos principais meios do investigador para coletar informações e vem sendo amplamente utilizada nas pesquisas qualitativas. Fiz uso

desse instrumento na coleta de informações da pesquisa pelos motivos que descrevo a seguir.

Minayo destaca que:

O que torna a entrevista um instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas (MINAYO, 1996, pp. 109–110).

Escolho a entrevista semi-estruturada, pois “ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146) na medida em que o investigador utiliza um roteiro de perguntas que orientam a entrevista, mas pode adicionar outras para aprofundar as respostas dos colaboradores.

As entrevistas foram individuais e gravadas com autorização prévia do colaborador, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice I). Posteriormente, as entrevistas foram transcritas e devolvidas aos colaboradores para que eles pudessem fazer a leitura do que disseram, assim como ressalvas e alterações que julgarem pertinentes. Validando, dessa forma, o conteúdo deste material, uma vez que o próprio sujeito entrevistado deu autenticidade ao depoimento. Os nomes dos colaboradores foram substituídos por nomes fictícios, preservando, assim, suas identidades. Estes nomes fictícios foram escolhidos pelos próprios colaboradores.

A entrevista foi feita a partir de um roteiro semi-estruturado de perguntas (Apêndice II), que foi organizado baseado nos objetivos a serem alcançados pelo estudo e na bibliografia consultada.

3.4.4 Seleção dos Colaboradores

Para selecionar os colaboradores da pesquisa, de modo que esses tivessem condições de responder aos objetivos a que essa pesquisa se propõe, estabeleci alguns critérios, são eles:

- a) ser estudante do curso de Licenciatura em EF da UFRGS;
- b) estar no sétimo ou último semestre.

No quadro abaixo, sistematizo algumas informações referentes aos colaboradores do estudo, bem como, algumas informações referentes ao processo de entrevista.

Nome	Rafael (Nome Fictício)	André (Nome Fictício)
Semestre	2006/2	2006/2
Experiências	Futebol e Tênis de Mesa	Futebol, Voleibol e Handbol
O que quer fazer após se formar	Ser treinador de Futebol	Trabalhar com Futebol
Tempo da Entrevista	12:53 minutos	10:12 minutos
Local da entrevista	Sala de reuniões ESEF	Sala Fisio ESEF
Data entrevista	20 de outubro	4 de outubro

Quadro 1 – tabela de colaboradores

4. O que os estudantes de educação física da ESEF-UFRGS compreendem por escola

Foram entrevistados dois estudantes que ingressaram na ESEF-UFRGS em 2006/2, ou seja, estão a mais de 9 semestres na ESEF-UFRGS e já passaram pela maioria das disciplinas e se encontram hoje na fase de conclusão do curso. É importante salientar que os dois estudantes entrevistados realizaram a Educação Básica no ensino privado, mostrando a realidade social que os dois estão inseridos, e que não tiveram esta experiência na educação pública.

Os dois optaram pela educação física por serem apaixonados por esporte, por competirem desde muito jovens, André ainda salienta:

E também vendo o professor que dava aula de educação física no colégio que era o tradicional Largobol², eu pensava que sem o curso posso fazer, fazendo o curso posso dar uma aula melhor que a dele (Entrevista com estudante André, dia 4 de outubro de 2011).

Os dois estudantes estão fazendo licenciatura, mas Rafael (pseudônimo escolhido por ele), diz que o correto era ele estar em bacharelado:

Em relação a licenciatura eu sou o exemplo clássico que deveria estar fazendo bacharelado. Por que trabalho em um clube de alto-rendimento a bastante tempo, trabalho diretamente com a área competitiva desse clube. Mas em função de ter entrado em 2006, segundo ano da divisão do curso, eu não estava totalmente ciente de como seria esse curso de bacharelado e licenciatura. Mas já posso adiantar que não me arrependo nenhum momento de estar fazendo licenciatura. Até por que também tenho um apreço e um gosto muito grande em ministrar aulas no âmbito escolar (Entrevista Rafael, dia 20 de outubro de 2011).

² Método comum na educação física de dar aula, onde o professor apenas larga uma bola e vai fazer outras coisas que, sem ao menos apitar o jogo.

Sobre esta questão da divisão do curso de educação física, é interessante observar aquilo que foi apontado em um Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: A organização do trabalho pedagógico na formação inicial de professores de educação física, em que a autora Filippini (2010) descreve como se deu a divisão curricular do curso de educação física da ESEF:

[Em abril de 2004, o professor Luiz Fernando Ribeiro Moraes, então coordenador da COMGRAD, inicia a reunião dessa comissão com o ponto de “discussão da proposta de criação do Curso de Graduação em Educação Física (Bacharelado)” (COMGRAD, Ata n.2/04, 12/04/04), que, após a publicação no Diário Oficial do dia 5 de abril (do mesmo ano), segundo o que consta na ata n.2/04, de acordo com o relato do próprio professor, deveria ser criado o curso na ESEF/UFRGS para ser implementado no vestibular do ano seguinte. A discussão da criação desse curso inicia-se nessa reunião e segue até a reunião do dia 1º de junho de 2004, em um total de 6 reuniões, das quais a última foi apenas para aprovar o que haviam sido discutido e elaborado nas reuniões anteriores. O curso de Licenciatura foi alterado, no mesmo ano. No mês de julho, o professor Luiz Fernando Ribeiro Moraes apresenta a proposta de alterações no currículo do curso sugerida em três reuniões ocorridas com professores e estudantes da ESEF/UFRGS (COMGRAD, Ata n.8/04, 15/07/04). E, nessa mesma reunião, são aprovados o Projeto Pedagógico (PP) e a grade curricular do “novo” curso de Licenciatura em EF.] (FILIPPINI, 2010, p. 38).

Após o relato histórico a autora conclui que o processo de divisão do curso foi apressado e sem o devido debate com a comunidade acadêmica. Na resposta de Rafael vemos nitidamente que muitos alunos ingressaram nos cursos de licenciatura e bacharelado sem conseguirem entender o que representava cada curso, suas diferenças e qual o campo de trabalho após formado.

Já André (pseudônimo escolhido por ele) diz ter escolhido licenciatura com convicção, pois entende que no curso de Licenciatura poderia trabalhar tanto na área escolar como não-escolar:

Em primeiro lugar o por que escolhi o curso de licenciatura. Eu não sabia a diferença entre licenciatura e bacharelado. Quando eu vi a inscrição do vestibular a gente estava fazendo na escola um teste vocacional os terceiros anos, e daí o cara que coordenava esse curso veio me falar, fui tirar a dúvida com ele qual a diferença entre licenciatura e bacharelado. Aí ele me disse que o bacharelado podia atuar em qualquer lugar menos na escola e a licenciatura em qualquer lugar inclusive na escola (Entrevista André, dia 4 de outubro de 2011)

Quando perguntado sobre se não seria importante ter cadeiras pedagógicas também para quem vai lidar com crianças em escolinhas Rafael responde que:

[...] com certeza, a gente escuta muitas críticas das cadeiras, principalmente da Faculdade de Educação, como tudo na vida a gente pode tirar proveito, basta a gente ressignificar o que a gente aprende. (Entrevista Rafael, dia 20 de outubro de 11).

Demonstrando um entendimento de que trabalhar com escolinhas formativas ou com crianças no alto-rendimento também exige experiências pedagógicas, Rafael chega a salientar que “o treinador nada mais é que um professor. E a função do professor é o educar, então temos que ter bastante atenção quanto a isso.” (Rafael dia 20 de outubro de 11).

A educação física tem como fundamento a docência, ou seja, independente do campo de atuação o graduando em educação física estará trabalhando como docente. Independente se for trabalhar em uma escolinha formativa de esporte, ou trabalhando com a terceira idade, o formando em educação física irá trabalhar com conceitos pedagógicos para poder transmitir ou trocar seu acúmulo com os alunos. Podemos afirmar que a docência é um fundamento identificador da área.

Quando os entrevistados foram perguntados sobre quais os problemas da Educação Básica, Rafael e André falam de estrutura, material e salário dos professores.

Existe uma diferença entre escolas particulares e escolas públicas, já tive oportunidade de trabalhar nos dois âmbitos, As escolas públicas

é principalmente materiais, questão de verbas que é realmente pouca, isso faz que nossas aulas tenham que ser adaptadas. As vezes ou muitas vezes eu diria, nosso plano de aula ou plano de ensino em razão de não ter os materiais que a gente deseja (Entrevista Rafael dia 20 de outubro de 11)

- x -

Precariedade, má qualidade da estrutura para educação, não falo má qualidade dos professores por que a gente tem, para o que temos de infra estrutura e salários os professores que a gente tem são muito bons. A maneira como as coisas estão postas os professores são muito bons (Entrevista André 4 de outubro de 11)

Mas Rafael, fala que as dificuldades impostas pelas condições estruturais de trabalho não podem servir como desculpa para o professor não dedicar-se às atividades de seu trabalho.

[...] uma das funções do professor de educação física ao meu ver é essa adaptação. Não serve como desculpa a gente dar uma aula meia boca e botar a culpa no material ou na realidade da turma para que nossa aula não seja proveitosa (Entrevista Rafael, dia 20 de outubro de 11).

De fundo, essa colocação expressa que o responsável pela precariedade da educação é centrada no professor, ou seja, podem faltar recursos e materiais, mas isso não pode servir como justificativa. O professor deve “dar seu jeito”, resolver os problemas, ser criativo, ter novas propostas, como se o problema da educação fosse professores sem vontade de enfrentar os desafios.

O recente estudo divulgado pelo Instituto Latinoamericano de Estudos Socioeconômicos (ILAESE), intitulado: “A Educação no Brasil e os 10% do PIB Já”, traz um panorama de como se encontra o Brasil em relação à educação. Panorama que expressarei aqui e condiz com o que os entrevistados falam da educação pública.

O estudo mostra que temos hoje em dia, uma queda no número de matrículas de 12% no período entre 2002 e 2010. Que essas matrículas no ensino fundamental são realizadas 83% na rede municipal, desde a municipalização e estadualização. A rede brasileira de ensino conta com cerca de 190 mil estabelecimentos de ensino que atendem a mais de 51 milhões de pessoas. O estudo retrata que o setor que mais cresceu da educação foi o profissional.

Porém, o setor que mais cresceu no Brasil foi o da Educação Profissional, cujo objetivo fundamental é suprir as necessidades das grandes empresas com mão-de-obra barata e qualificada (ILAESE, 2011,p. 7).

Contamos, no Brasil, com uma rede de mais de 2 milhões de professores, sendo em sua grande maioria mulheres (81%). Quanto a escolaridade, 68% dos professores do ensino básico concluíram o ensino superior, sendo que 77% dos mais de 2 milhões de professores estão na rede pública de educação.

Para manter toda essa rede com mais de 51 milhões de usuários e 2 milhões de professores, o governo federal investe em torno de 5% de seu PIB em educação, PIB que chega em 2011 aos números de 2 trilhões de dólares. Investimento esse que segundo os números do relatório da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico 2011 (OECD), não tem sido suficiente, vejamos os números.

No Brasil, de cada 10 brasileiros de 15 a 19 anos, três não estão estudando. Apenas 41% da população terminou o Ensino Médio, enquanto a média da OECD é 73%. No Brasil, somente 11% da população passam para universidade, enquanto a média da OECD é de 30%. A média mundial de gastos por aluno é 9 mil dólares anuais, enquanto no Brasil esse investimento é de 2 mil dólares anuais.

No decorrer das entrevistas, pude perceber quais as experiências anteriores que os colaboradores haviam passado e por que estavam fazendo a sua formação inicial em educação física. Ao questionar o que eles compreendiam sobre a escola e para que ela servia, ambos responderam que a escola serve para dar uma educação básica, formar os estudantes no básico, ou seja: alfabetizar, interpretar, calcular etc.

Eu entendo que é para ser uma formação de base mesmo, para que o aluno não chegue no Ensino Médio perdido e que chegue em uma faculdade já com o mínimo de conhecimento. A gente vê que isso não acontece, tem gente que chega na faculdade mal sabe ler mal sabe escrever, é não saber simples regras de gramática (Entrevista André dia 4 de outubro 2011)

Rafael cita que a escola serve para moldar sujeitos à sociedade, mas cita isso defendendo esse ponto de vista, dizendo que a escola deve servir para esta finalidade de amoldamento subjetivo dos alunos.

Eu diria que serve para moldar o sujeito, para reestruturar dependendo da situação e também para criar laços de comportamento e educação perante uma sociedade. Acho que a função número um da escola é oportunizar esses aprendizados técnicos das disciplinas, mas principalmente que saiam cidadãos cada vez melhores, e ajudem de fato a colaborar e melhorar a sociedade que a gente vive. E isso parte da educação básica, indo pela educação fundamental e média, é um conjunto, não adianta, não pode ser algo segmentar, educação deve ser prioritária indiferentemente da faixa etária da pessoa. É sempre tempo de aprender e sempre tempo de educar e a gente deve estar ciente disso (Entrevista Rafael dia 20 de outubro de 2011).

Com a fala de Rafael, vemos como a questão da educação como salvadora é reproduzido no senso comum, assim como nas observações, vi o quanto cada problema dos estudantes poderia ser resolvido somente com a educação. Na revisão bibliográfica, Rossi (1980) defende que a educação é vista como messiânica, ou seja, com grande salvadora da humanidade, que através dela poderíamos diminuir as desigualdades sociais e resolver as grandes mazelas do mundo.

Segundo Rossi 1980:

Desenvolve-se assim uma análise econômica-social da educação. Essa avaliação da educação parte da indicação de que as

imperfeições da sociedade, como um todo, decorrem, afinal, da ignorância ou dos baixos níveis de cultura do “povo”, das “pessoas”, e devem ser resolvidas a partir da remoção dessas “causas”, isto é, dando-se educação ao “povo”.(Rossi, 1980, pg 17)

Em recente artigo, Arcary (2011) defende que uma das premissas do liberalismo foi a igualdade jurídica dos cidadãos, a partir dessa premissa, os regimes democráticos liberais, defendem que a educação seria uma via de afirmação de maior justiça social: “Estudem e trabalhem duro, e terão um futuro superior ao dos vossos pais” (ARCARY, 2011, p. 14).

O autor afirma que através da meritocracia, que é a igualdade de oportunidades e a equidade, existiria a possibilidade de melhorar de vida. A meritocracia na educação, serviria como elemento de mobilidade social, ou seja, na democracia liberal todos tem as mesmas possibilidades e meritocraticamente, quem estudar mais e trabalhar mais, poderá usufruir de uma mobilidade social.

Neste mesmo artigo, o autor ainda rebate a máxima da educação como grande salvadora coletiva da sociedade:

Outra forma de ilusão gradualista nas perspectivas de justiça social nos limites do capitalismo foi a esperança de que uma população mais educada mudaria, gradualmente, a realidade do país. Se fosse assim, a Argentina ou a Coréia do Sul, dois exemplos de sociedades que conquistaram - a primeira no passado, a segunda mais recentemente - índices elevados de escolaridade, não seriam infernos de desigualdade social para os trabalhadores (ARCARY, 2010, p. 17).

A educação vista como grande salvadora, como vimos no discurso de Rafael, faz parte do senso comum, ou seja, da ideologia disseminada pelos detentores da produção, não é raro vemos diversos governos falarem em suas campanhas eleitorais que sua prioridade será a educação, pois utiliza-se do imaginário e do senso comum da população de que através de uma educação boa e de qualidade a vida vai realmente mudar e melhorar.

Após debater escola, pergunto para os entrevistados o que pretendem fazer ao se formar, os dois são categóricos em afirmar que querem o ambiente não-escolar: “pretendo trabalhar com futebol” (André), “espero estar no meio do futebol trabalhando com alto-rendimento, trabalhando em clubes, mas evidentemente sempre temos que ter um plano B” (Rafael).

Esse trabalho não tem como objetivo falar da desvalorização profissional dos professores, tanto pelos governos quanto pela sociedade em geral, mas no discurso dos entrevistados e durante minha vida acadêmica, mais de uma vez nos deparamos com a seguinte pergunta: Professor? Você tem certeza? Esse “com certeza” é mais um elemento de senso comum, ou seja, a desvalorização da carreira docente é tão grande que não apenas reproduzimos esse tipo de pergunta, como no caso dos entrevistados, vemos jovens cursando Licenciatura sem querer jamais entrar em uma sala de aula, ou seja, após ter o diploma, tentarão de tudo e se nada der certo, irão para a escola.

Dentro da ideologia dominante, a questão da valorização profissional provavelmente é a que demonstra a maior contradição e o quanto não pode sair do discurso a questão da educação e a escola serem as grande salvadoras do mundo, pois ao mesmo tempo que a classe dominante dissemina que a educação é prioridade, pois a mesma é a única que tem condições de mudar a sociedade, essa mesma classe dominante que no atual sistema detém os meios de produção, não valoriza os professores afastando qualquer possibilidade de que a educação cumpra seu papel liberal. No caso da educação física, os estudantes veem como saída para fugir do mercado extremamente mal valorizado (todas as vezes que falo desvalorizado envolve essencialmente condições financeiras), trabalhar com o alto-rendimento.

5. Conclusão

Com as entrevistas pudemos perceber que os discursos dos entrevistados nos mostram uma compreensão de escola dentro do senso comum, ou seja, não conseguem, como vimos na revisão bibliográfica, ir no fundo da questão da escola. Observamos em uma das falas do Rafael, por exemplo, o entendimento de que a escola serve sim para uma parcela da sociedade, mas esse entendimento parte de um ponto de vista não crítico e que defende que a escola deva servir para moldar trabalhadores. Em nenhum momento os entrevistados apresentam a compreensão de que a escola cumpre um papel social para além da formação de conhecimentos básicos e educação. Isso é bastante preocupante, pois demonstra que a ESEF-UFRGS está formando professores não críticos quanto ao seu papel e sua atuação dentro das escolas.

As entrevistas demonstram que ainda existe muita confusão quanto a finalidade dos cursos e que os licenciados ainda tem poucas cadeiras para debater escola dentro da ESEF-UFRGS. Considero que a compreensão não crítica da escola, vem de uma formação no curso de licenciatura em educação física que não permite o graduando refletir sobre o seu papel na escola, mas sim apenas reproduzir conhecimentos dentro dela. Considero preocupante, os entrevistados verem a escola como última opção para sua carreira profissional, demonstrando uma reprodução da desvalorização do professor.

Como conclusão deste trabalho, após estudo realizado, é possível afirmar que a ESEF-UFRGS não tem apresentado concepções de escolas que estejam fora do senso comum ou do que a ideologia dominante impõe. O que considero um erro, pois a universidade deveria formar professores críticos e preparados para entender e mediar as relações impostas pela sociedade.

Aprendi nesse processo de pesquisa que a escola ainda é um dos espaços que permite o debate, que permite a disputa pela consciência dos estudantes. Apesar da escola, estar inserida e servindo a sociedade capitalista, a mesma se encontra em disputa. Aprendi ainda no processo de investigação a importância de buscar leituras complementares, extracurriculares que permitam que o processo de formação na faculdade seja aproveitado de forma mais ampla. Após o término do

trabalho sugiro que seria importante para a continuidade desse trabalho, que sejam feitos outros estudos que evidenciem as concepções de escola, não somente, dos formando, mas também dos professores da própria ESEF – UFRGS, como professores que já atuam a algum tempo na rede estadual e municipal de ensino. Também seria interessante um estudo longitudinal que conseguisse analisar a concepção de escola em diversas etapas da formação e trabalho dos professores de educação física.

6 Referências

ARCARY, Valério. Educação e mobilidade social: Uma velha promessa da elites. **Opinião Socialista**, São Paulo, p. 14, 20 Out. 2011.

CALDART, Roseli. **Caminhos para Transformação da Escola: reflexões desde práticas da Licenciatura em Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

COSTA, A. NETO, E. SOUZA, G. **A Proletarização do Professor – Neoliberalismo na Educação**. Sundermann: São Paulo, 2009.

FILIPPINI, Isabella. **A organização do trabalho pedagógico na formação inicial de professores de educação física**. Trabalho de Conclusão de Curso, Porto Alegre, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. Cortez Editora/Autores Associados: São Paulo, 1989

FRIZZO, G; FILIPPINI, I. ; SILVEIRA, P. S. . **A Subsunção do Trabalho ao Capital na Formação de Professores de Educação Física no Brasil**. Anais do V Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 2010.

GORZ, André. **Crítica da Divisão do Trabalho**, Martins Fontes: São Paulo 1996

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª ed. 1978

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere n.13**, 1932-1934.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. L&PM: São Paulo, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. **Textos sobre Educação e Ensino**. São Paulo: Moraes, 1992.

MINAYO, M. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8 ed. São Paulo, SP: Hucitec-Abrasco, 1996.

MOLINA, Rosane M. K.. *O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória*. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (orgs.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre, RS: UFRGS/Sulina, 1999, p. 95-105.

MOLINA NETO, Vicente. *Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física*. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (orgs.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre, RS: UFRGS/Sulina, 1999, p. 107-139.

NEGRINE, Airton. *Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa*. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (orgs.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre, RS: UFRGS/Sulina, 1999, p. 61-93.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o bloco histórico**, Paz e Terra, SP, 1977.

ROSSI, Wagner. **Capitalismo e Educação**. Editora Moraes, 1980.

SARUP, Madan. **Marxismo e Educação**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1980.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**, Autores Associados 2006

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, SP: Atlas, 1987.

_____. **Bases teórico-metodológicas preliminares da pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Porto Alegre, RS: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.

WILLIS, P. **Aprendendo a ser Trabalhador**. Artes médicas, São Paulo. 1991

Relatório do PENUD – Disponível em <<http://www.pnud.org.br/home/>> acessado em 3 de novembro de 2011

Relatório ILEA: <<http://cspconlutas.org.br/wp-content/uploads/2011/10/Reda%C3%A7%C3%A3o+f...pdf>> Acessado em 5 de novembro de 2011.

7 Apêndices

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar do estudo: Concepções de escola elaboradas por estudantes de Educação Física. Dessa forma, peço que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com a sua assinatura, a respeito de sua participação neste estudo. Você receberá uma cópia deste Termo, para que possa questionar acerca eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim o desejar.

Objetivo do Estudo

A) compreender as concepções de escola que os estudantes formandos levam para a sua vida profissional.

Procedimentos

Durante a realização do trabalho de campo, as informações serão coletadas através de observações, registros em diários de campo, entrevistas semi-estruturadas e revisão bibliográfica. As observações serão feitas no horário da disciplina, incluindo atividades das disciplinas realizadas antes e depois do período de aula. Serão feitos registros em diários de campo do que for observado. Os registros serão de forma descritiva, não emitindo juízo de valor sobre as observações.

As entrevistas serão previamente agendadas, a serem realizada na ESEF ou em algum local de sua preferência, com duração máxima de uma hora. Esta entrevista será gravada, transcrita e devolvida para sua confirmação e, se necessário, correção das informações coletadas.

O relatório final deste estudo também lhe será devolvido para leitura e apreciação das informações coletadas e interpretações realizadas.

Comprometimento

As interpretações das informações serão colocadas à disposição dos/as colaboradores/as, assim que as considerações provisórias estejam concluídas.

Riscos e Benefícios do Estudo

Primeiro: Sua adesão como colaborador/a desse estudo não oferece nenhum risco à sua saúde, tão pouco o/a submeterá a situações constrangedoras.

Segundo: Você receberá cópia da sua entrevista para validar, retirar ou modificar as informações, a seu critério, antes do texto ser transformado em fonte da pesquisa.

Confidencialidade

Todas as informações coletadas, sob a responsabilidade do pesquisador, preservarão a identificação dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidas de utilização não-autorizada.

Voluntariedade

A recusa do/a participante em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações, a qualquer momento, se assim for seu desejo.

Novas informações

A qualquer momento os/as participantes do estudo poderão requisitar informações esclarecedoras sobre o projeto de pesquisa e as contribuições prestadas, através de contato com o pesquisador.

Contatos

Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico, Porto Alegre/RS

Professor Vicente Molina Neto

Telefone: (51) 3316 5821

Pedro da Silva Silveira

E-mail: pedro.efi.ufrgs@gmail.com

Telefones (51) 94158622

Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - 7º andar - Porto Alegre/RS

Telefone: (51) 3308.4085

Prof. Dr. Vicente Molina Neto
(Orientador da Pesquisa)

Pedro Silveira
(Estudante de Educação Física da ESEF/UFRGS)

Declaração de Consentimento

Eu, _____, estudante do curso de Licenciatura em Educação Física na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, li as informações oferecidas acima e estou esclarecido das questões referentes à pesquisa; concordo em participar livremente do estudo.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2011.

Assinatura

APÊNDICE 2 – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Graduando em Licenciatura em EF

Informações Gerais:

Nome do colaborador(a):

Ano em que ingressou no curso:

Experiências anteriores:

Local da entrevista: _____

Data: ___/___/_____

Duração da entrevista: _____

Perguntas:

1. Conte um pouco sobre o porquê você escolheu o curso de Licenciatura em Educação Física e sua trajetória enquanto estudante.
2. Fale um pouco das suas experiências anteriores que contribuíram para a escolha do curso de Educação Física.
3. Qual a importância da educação básica em nossa sociedade?
4. Quais os principais problemas da educação básica?
5. O que a graduação em Educação Física te ensinou sobre educação básica até o presente momento?.
6. Para finalizar, o que você entender que é e para que serve a educação básica?
7. O que pretende fazer ao se formar?

Apêndice 3 – Transcrição de entrevista

Porto Alegre, 20 de outubro de 2011

Entrevista Rafael

Pedro: Me conta um pouco o porque tu escolheu Licenciatura, Educação Física e qual foi a trajetória que te levou para o curso de educação física.

Rafael: Primeiro agradeço pelo convite, Sempre fui muito ligado aos esportes, desde cedo eu sempre já competia no esporte futebol, e desde cedo eu já tinha essa ideia de fazer educação física, evidentemente que eu tentei e de certa forma me tornei jogador de futebol, passei um tempo fora até mesmo. Mas nunca deixei os estudos de lado, até por que lá em casa ficaria complicado, então em relação a educação física de certa forma vem desde meus tempos de criança, justamente por esse meu gosto de competir e principalmente adoração pelos esportes de modo geral. Em relação a licenciatura eu sou o exemplo clássico que deveria estar fazendo bacharelado. Por que trabalho em um clube de auto rendimento a bastante tempo, trabalho diretamente com a área competitiva desse clube. Mas em função de ter entrado em 2006, segundo ano da divisão do curso, eu não estava totalmente ciente de como seria esse curso de bacharelado e licenciatura. Mas já posso adiantar que não me arrependo nenhum momento de estar fazendo licenciatura. Até por que também tenho um apreço e um gosto muito grande em ministrar aulas no âmbito escolar.

Pedro: Tu acha que as cadeiras, mais pedagógicas da licenciatura te ajudam a trabalhar com as crianças mesmo no auto-rendimento?

Rafael: Com certeza, a gente escuta muitas críticas das cadeiras, principalmente da faculdade de educação, Como tudo na vida a gente pode tirar proveito, basta a gente ressignificar o que que a gente aprende. Com certeza essa cadeiras desde que eu tranquei o curso em 2006/2, teve uma época que tranquei a faculdade para

ficar lá fora jogando e também estudando. Mas essas cadeira também desde que eu voltei dessa minha experiência no exterior foram muito produtivas, tanto no meio escolar onde eu faço estágio quanto no meio competitivo. Até porque até no meio da competição a gente deve ser pedagógicos, o treinador nada mais é que um professor. E a função do professor é o educar então temos que ter bastante atenção quanto a isso.

Pedro: Quais foram tuas experiências, tu disse que já trabalhou fora, o que tu já trabalhou na educação física?

Rafael: Bom, na verdade minha experiência fora é que fui jogar, não fui de fato trabalhar. Estudei outros idiomas mas aproveitei para entrar no meio que é o futebol. Já prevendo um futuro trabalhando nesse esporte. Evidentemente já não dando certo como jogador, indo trabalhar como treinador. Comecei muito cedo, na época como eu era do terceiro ano já assumi como treinador a equipe juvenil. Esse meu perfil de liderança e um pouco de conhecimento do esporte desde cedo o pessoal da minha própria escola já me oportunizou ser treinador da equipe juvenil. Também saindo dessa primeira experiência de ser treinador de times escolares, eu trabalhei em uma escola particular em um projeto amigos da bola, foi uma experiência bem bacana também em virtude da minha pouca idade eu pude aprender bastante. Isso fez com que eu fosse aprendendo um pouco mais dessa parte mais pedagógica e também de liderança de pessoas e crianças propriamente dito. No ano seguinte eu já entrei no clube em que trabalho hoje em dia o Sport Clube São José como auxiliar e tive uma experiência muito bacana, fui muito elogiado. E ingressei no curso de educação física. Já na educação física trabalhei no projeto quero quero, inicialmente entrei como bolsista direto já como professor de futebol, e eu posso dizer que aí de fato foi muito proveitoso, por que eu posso dizer que a gente teve que fazer plano de ensino, plano de aula, de fato eu entrei, assumi a responsabilidade de ser professor, assumi uma turma. Tendo que fazer avaliação, plano de aula, então o projeto quero quero aqui foi muito importante pra mim e para minha sequência na licenciatura. Depois disso no são José em 2009 assumi como treinador uma categoria de competição. E até hoje trabalho nesse clube, chegando a coordenação como treinador do time sub 17 B.

Pedro: Qual a importância da Educação Básica para a sociedade?

Rafael: Quero fazer uma ressalva aqui, to fazendo estágio, já fiz o estágio um em séries iniciais e agora to fazendo o estágio em ensino fundamental. Na verdade entendo a educação básica como o próprio nome já diz, ela é básica. Meio redundantes mas achei necessário repetir o termo, em função de de fato fazer que com que o aluno aprenda e de valor realmente as questões de valores por que a gente sabe que educação vem de casa mas a escola é um suporte extremamente pertinente e importante. As vezes ficamos m pouco atrás para não moldar nosso aluno, mas a escola tem sim esse papel de reestrutura o cidadão, até por que dentro do ambiente escolar a gente encontra diferentes culturas, diferentes realidades e a gente deve estar ciente que diferentemente do meio o do nível social da nossa escola o nosso papel é o educar. A gente deve estar a todo estante moldando nossos alunos, evidentemente, co os devidos cuidados respeitando a todo estante os limites e educação de cada aluno mas, dentro do possível fazer que esse aluno, melhore não somente em termo mecânicos, educação física, mas principalmente, em termos educacionais e comportamentais. E para isso a educação básica é essencial, por que é por que é muito mais fácil educar os alunos e as crianças nas séries iniciais do que, quando já estão com a personalidade formada que é a partir dos 16, 17 anos.

Pedro: O que tu vê que tem de problemas a Educação básica?

Rafael: Problemas em relação as escolas?

Pedro: É Professor? Estrutura? Aluno?

Rafael: Existe uma diferença entre escolas particulares e escolas públicas, já tive oportunidade de trabalhar nos dois âmbitos, As escolas públicas é principalmente materiais, questão de verbas que é realmente pouca, isso faz que nossas aulas tenha que ser adaptadas. As vezes ou muitas vezes eu diria, nosso plano de aula ou plano de ensino em razão de não ter os materiais que a gente deseja. Mas uma as

funções do professor de educação física ao meu ver é essa adaptação. Não serve como desculpa a gente dar uma aula meia boca e botar a culpa no material ou na realidade da turma para que nossa aula não seja proveitosa. Acho que a dificuldade número um das escolas públicas é o material, mas principalmente essa encruzilhada de culturas, Hoje de manhã o professor de estágio comentou, então acho que vem ao encontro dessa minha entrevista de agora, A escola é uma encruzilhada de culturas, então temos que ter muito cuidado de conhecer nosso aluno em primeiro lugar, e no estágio é muito difícil pois o estágio de fato dando aula, são dois ou três meses. Mas se a gente trabalha em uma escola ou clube e tem uma relação mais próxima do aluno a gente pode tirar maior proveito dele em relação ao rendimento no caso da competição ou do futebol, ou nessa questão da escola fazer com que o aluno aprenda contigo em termos comportamentais e da ética e dos valores que a sociedade impõe.

Pedro: dentro do currículo de educação física o que ele te ensinou a entender o que é a escola básica?

Rafael: Tanto as cadeiras da ESEF quanto as cadeiras da FACED, dão um norte bacana para licenciatura. A gente tem que ressignificar, pegamos umas pessoas melhores e piores, mas no geral, nosso ensino aqui é excelente. E a gente tem a possibilidade sim de discernir bem as questões da licenciatura, do que serve e do que não serve. Talvez pudesse ter algumas cadeiras mais específicas para estágio, que alguns colegas meus se queixam, mas eu não posso falar disso por que como eu já comecei muito cedo, então eu não tive muito problema em relação aos estágio e as turmas que eu peguei.

Pedro: Após todas essas perguntas, para que serve a educação básica hoje em dia?

Rafael: uma pergunta um tanto quanto complexa, eu diria que serve para moldar o sujeito, para reestruturar dependendo da situação e também para criar laços de comportamento e educação perante uma sociedade. Acho que a função número da escola é oportunizar esses aprendizados, técnicos das disciplinas, mas principalmente que saiam cidadãos cada vez melhores, e ajudem de fato a colaborar e melhorar a sociedade que a gente vive. E isso parte da educação básica, indo pela

educação fundamental e média, é um conjunto, não adianta, não pode ser algo segmentar, educação deve ser prioritária indiferentemente da faixa etária da pessoa. É sempre tempo de aprender e sempre tempo de educar e a gente deve estar ciente disso.

Pedro: Para terminar o que pretende fazer quando se formar?

Rafael: tenho a felicidade que já faço o que eu quero, já estou, as vezes é complicado trabalhar no que a gente que e eu tenho essa graça, talvez por competência minha, modéstia parte, mas talvez por oportunidades, eu já faço o que eu quero, graças a deus, espero estar no meio do futebol trabalhando com auto rendimento, trabalhando em clubes, mas evidentemente sempre temos que ter um plano B. Eu gosto de dar aulas não é e nem nunca foi meu enfoque, meu enfoque é sempre trabalhar com o futebol e com o auto-rendimento.

Apêndice 4 – Transcrição de entrevista

Porto Alegre, 4 de outubro de 2011

Entrevista André

Pedro: Porque tu escolheu o curso de licenciatura em educação física e qual a tua trajetória enquanto estudante?

André: Em primeiro lugar o por que escolhi o curso de licenciatura. Eu não sabia a diferença entre licenciatura e bacharelado. Quando eu vi a inscrição do vestibular a gente estava fazendo na escola um teste vocacional os terceiros anos, e daí o cara que coordenava esse curso veio me falar, fui tirar a dúvida com ele qual a diferença entre licenciatura e bacharelado. Aí ele me disse que o bacharelado podia atuar em qualquer lugar menos na escola e a licenciatura em qualquer lugar inclusive na escola. Aí quando entrei na faculdade a primeira vez me disseram que não era isso, me disseram que licenciatura só poderia atuar na escola e bacharelado em qualquer lugar menos na escola. E daí de acordo com as discussões todas que tu já está careca de saber, relamente quem impôs isso que licenciatura é só para escola foi o cref. E que a lei do país é superior a isso e que licenciatura pode trabalhar em tudo que é lugar inclusive na escola, aí quando eu fiquei sabendo isso fiquei um pouco mais tranquilo em relação a minha formação, já que minha idéia é não trabalhar dentro da escola, é trabalhar em clube e em personal. Se fosse licenciatura somente dentro da escola eu ia estar fora da minha área.

Pedro: O porque tu escolheu Educação Física.

André: eu sempre gostei de esporte, pratiquei esporte, sou apaixonado por esporte na verdade até o primeiro segundo ano eu não pretendia fazer educação física no vestibular, eu sempre gostei de esporte mas não era uma idéia que eu tinha para fazer, eu tinha pensado em fazer, alguma coisa relacionado a química, em fim mas daí no terceiro ano a coisa complicou muito na química, aí eu tive que mudar de

idéia. Bom daí fui fazer algo que eu gosto mesmo, uma coisa que não vou me arrepende de fazer. E também vendo o professor que dava aula de educação física no colégio que era o tradicional Largobol, eu pensava que sem o curso posso fazer, fazendo o curso posso dar uma aula melhor que a dele.

Pedro: Qual a importância da nossa escola básica?

André: eu acho que dá o fundamento para as crianças e para os adolescentes, alfabetiza primeiramente, depois fazer com que a pessoa não apenas leia mas entenda o que está lendo. Saber não apenas reproduzir mas saber o que está reproduzindo. Eu acho que isso aí é o mais importante. Fora a questão da leitura e escrita a questão da matemática, saber fazer os cálculos, entender o por que está fazendo os cálculos não apenas reproduzir. As pessoas aprendem a ler a somar a dividir mas não sabem o que estão lendo o que estão somando enfim, acho que isso é uma deficiência do nosso sistema de educação. Bem básico assim e claro mais ali sexta, sétima e oitava série, mais nas séries finais do ensino fundamental. Também é importante que compreenda as relações interpessoais, corpo humano, saiba, enfim as matérias eu acho que estão corretas, O que a gente tem de matéria no nosso sistema de educação, mas a maneira que elas são ministradas de forma muito fragmentada, isso é um que a gente tem.

Pedro : Quais são os problemas da educação básica?

André: Precariedade, má qualidade da estrutura para educação, não falo má qualidade dos professores por que a gente tem, para o que temos de infra estrutura e salários os professores que a gente tem são muito bons. A maneira como as coisas estão postas os professores são muito bons. Talvez se mudasse a estrutura e não tivesse tão fragmentada a nossa educação, e tivesse uma melhor qualidade de ensino para os professores assim como uma melhor qualidade de estrutura para os professores trabalhar eu acho que seria muito mais proveitoso.

Pedro: O que o curso de educação física te ensinou até agora sobre escola?

André: A Esec em si muito pouco, e a faced que deveria ensinar mais eu acho, menos ainda. Na esec poucas vezes se falou em escola, nas cadeiras de esporte por exemplo fala um pouco de esporte na escola, a cadeira de metodologia ao ensino fundamental é a que mais trabalho. Esec infantil e fundamental fala um pouco de escola. Mas acho que aqui na esec não, a gente tem umas 4 ou 5 cadeiras que deve falar de escola e as outras dá uma pinceladas. Na faced quase todas as cadeiras é para falar de escola mas quase nenhuma acaba falando, é muita enrolação, vai para um lado e vai para o outro e não toca no ponto central que é o que a gente quer.

Pedro: O que você entende que é e para que serve a educação básica?

André: Eu entendo que é para ser uma formação de base mesmo, para que o aluno não chegue no ensino médio perdido e que chegue em uma faculdade já com o mínimo de conhecimento. A gente vê que isso não acontece, tem gente que chega na faculdade mal sabe ler mal sabe escrever, é não saber simples regras de gramática. O cara não sabe acentuar uma palavra, troca o S por C, enfim, coisas assim ridículas, tem gente que chega na faculdade a gente vê, pontuação coisas bem básicas que só a aula de português faz. Se for levar para o restante o cara que não sabe fazer uma conta, eu acho que nossa formação de base é para dar uma base, para que o cara chegue com o mínimo de conhecimento, essa seria função da escola dar uma base de conhecimentos, sem falar nas relações interpessoais, que são muito importantes e pouco abordadas na maioria das escolas, isso aí é uma coisa que começa em casa e termina na escola. Mas dependendo da família não começa na família e muito menos na escola. A escola não tem feito muito bem esse papel de uma forma geral.

Pedro: Quando tu te formar o que tu pretende fazer?

André: Eu pretendo trabalhar com futebol, é complicado hoje em dia, pois não tem como o cara trabalhar só no amor, na formação é o que prevalece, mas depois que o cara tá formado ele não pode mais trabalhar no amor, durante a tua formação é válido é experiência que tá adquirindo, mas depois que tu te forma, não pode ficar só no amor.